

# O estudo dos rios na literatura: teorias e critérios de análise

## *Research on Rivers in Literature: Theories and Criteria of Analysis*

**Pedro Schmidt**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(UFRJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR  
pedro.schmidt@letras.ufrj.br  
<https://orcid.org/0000-0002-2742-3658>

**Resumo:** Os rios, embora proficuamente presentes nas mais diversas tradições literárias, receberam até o momento menos atenção do que o volume de suas ocorrências pode sugerir. Para suprir essa lacuna, o artigo busca nas metodologias estruturalistas de análise os primeiros passos para a proposta de como pesquisar os rios nos textos; contudo, sem se limitar a elas. Apoia-se, também, nas vertentes correntes dos estudos de narratologia, do papel político e social da literatura, e do viés ecocrítico sobre a importância dos ecossistemas para as construções culturais. Os critérios desenvolvidos pela proposta são as figuras de linguagem, os cenários, os personagens, as funções narratológicas, as funções políticas, as dinâmicas de intertexto e de inserção na tradição; e, por fim, à guisa de considerações finais, esboça-se um ensaio sobre como a perspectiva ecocrítica, unida às ferramentas de análise e interpretação das demais correntes, pode oferecer vieses produtivos sobre a questão dos rios na literatura.

**Palavras-chave:** rios; literatura; análise.

**Abstract:** Rivers, although largely present in the most diverse literary traditions, have received less attention than the volume of their occurrences might suggest. To fill this gap, this article seeks in structuralist methodologies of literary analysis the first steps towards proposing how to research rivers in texts; however, without limiting itself to them. It also relies on current strands of narratological studies, on the political and social role of literature, and on the ecocritical bias on the importance of ecosystems for cultural constructions. The criteria developed by this proposal are figures of speech, scenery, characters,



narratological functions, political functions, dynamics of intertextuality and of insertion in tradition; and, finally, by way of final considerations, it is outlined on how the ecocritical perspective, combined with the analysis and interpretation tools of other currents, can offer productive biases on the issue of rivers in literature.

**Keywords:** rivers; literature; analysis.

## Introdução

O que significa estudar rios na literatura, e por que estudar rios na literatura? Esses questionamentos, que inicialmente partiram de discentes durante uma aula de ecologia e narrativa, explicitam o problema que o presente artigo tenta tratar. A resposta mais pronta e óbvia é aquela generalizante: podemos e devemos estudar todo e qualquer assunto na literatura, e podemos fazer isso usando os métodos tradicionais de análise e interpretação literária. No entanto, o que proponho aqui é considerar essa resposta insatisfatória e buscar, em alguma medida, a legitimação da importância do estudo dos rios, tanto para as ciências da literatura como para todas as demais ciências, que de alguma forma lidam com os rios, bem como o levantamento das múltiplas possibilidades, dos diversos eixos em que é possível analisar e interpretar textos literários a partir da presença dos rios neles contidos.

Entre os diversos elementos da natureza, o rio chama a atenção do investigador literário pela sua abundância; ao lado de elementos como o sol, a lua, o vento, o mar, as árvores e as aves; é praticamente impossível encontrar um romance ou um livro de poesia que não tenha menção alguma a um rio. Se buscarmos nas narrativas escritas mais antigas da humanidade, encontramos os rios em papéis centrais, não só como cenário, mas principalmente como agentes (como no *Gilgamesh*, na *Iliada* ou na coletânea japonesa *Man'Youshuu*). Nos mitos orais de todas as culturas, há narrativas sobre o rio, seu surgimento, seu caráter e sua importância para aquele povo que o narra. Nas obras clássicas que formam o cânone da literatura mundial, haverá sempre algum rio, às vezes com mais, às vezes com menos importância para o enredo. Nos romances urbanos, os rios costumam aparecer como parte do cenário da cidade, com suas pontes e luminárias, enquanto na literatura regionalista os rios assumem um papel decisivo nas demarcações de lugares e identidades. Se procurarmos no que há de mais recente sendo produzido em literatura, mesmo ali, os rios continuam presentes; basta atentar para o título do recente *best-seller* de Carla Madeira, *Tudo é rio* (2014), ou para os versos de alguns instapoetas, como no poema “Moinho”, de Braulio Bessa (2020) ou em “River Flows in you”, de Rupi Kaur. O fato de os rios serem elementos onipresentes da literatura não se deve apenas ao fato de que são importantes para a vida de maneira geral, mas também de que são importantes para a própria literatura, como o presente artigo procura demonstrar mais adiante. Nesse sentido, pesquisar rios na literatura não deve ser entendido como estudar mais algum elemento qualquer, mas sim pesquisar um elemento que é fundamental para a história e a prática da literatura universal.

Apesar da presença e relevância dos rios na literatura, muito pouco se produziu até hoje no assunto. Ainda que nas últimas décadas a ecocrítica e os estudos de ecologia na literatura tenham ganhado espaço, fôlego e cada vez mais metodologias (Glottfelty & Fromm, 1996; Garrard, 2004; Clark, 2011; Garrard, 2014), são raras as pesquisas que se devotam à particularidade dos rios, ocorrendo apenas em artigos isolados sobre obras específicas ou algumas dissertações e teses com olhar monográfico (por exemplo: Jones, 2005 ou Silva, 2020). Portanto, o presente trabalho busca de alguma forma suprir essa lacuna ao propor uma fundamentação teórica e possibilidades práticas para a análise dos rios na literatura. Pensando sobretudo no público universitário em estágios iniciais de pesquisa sobre o tema, optou-se pela redação em língua portuguesa também para aderir a esse movimento de colaborar junto ao estado incipiente da temática no Brasil.

Por isso mesmo, não se pretende aqui o levantamento exaustivo e completo de todas as possibilidades de análise, o que demandaria um espaço muito maior, mas apenas a elaboração de um roteiro que possa contribuir para futuras pesquisas. O ponto de partida para especificar os critérios de análise deriva da prática tradicional de análise literária, tal como sintetizada por Massaud Moisés (1969). No entanto, enquanto nela se procura, no texto poético, por figuras de linguagem, tempo e espaço; e, no texto narrativo, por ação, tempo, espaço, personagem, narrador e estrutura narrativa; aqui utilizamos os eixos das figuras, do espaço e dos personagens. Assim, começamos nossa proposta de análise pelas figuras, com ênfase na metonímia, na metáfora, na hipérbole, no catálogo e nas figuras sonoras. Em seguida, trata-se dos rios como cenário (ou espaço) e depois como personagens.

Então, deixando um pouco de lado essa abordagem estruturalista/formalista, adotamos uma perspectiva dos estudos de narratologia para esboçar as funções narratológicas que os rios podem exercer nos gêneros narrativos. A isso se adiciona uma perspectiva frankfurtiana sobre as funções políticas dos rios na literatura, para então buscar na teoria da intertextualidade (Conte, 1986; Hinds, 1998) os efeitos que as alusões cristalizadas aos rios podem assumir dentro do contexto da tradição literária. Por fim, à guisa de considerações finais, esboça-se um ensaio sobre como a perspectiva ecocrítica, unida às ferramentas de análise e interpretação das demais correntes, pode oferecer vieses produtivos sobre a questão dos rios na literatura.

## Figuras

### Metonímia

Dentre os usos figurados dos rios em literatura, o mais evidente e de rápida identificação é o metonímico. Entendendo aqui metonímia em seu sentido mais lato possível (sem necessidade de nos detalharmos em suas subdivisões, como a sinédoque), em que se toma a parte pelo todo ou o todo pela parte, os rios tendem a aparecer em textos poéticos em substituição à região geográfica banhada pelo rio citado, ou ainda ao povo que lhe vive às margens (Campbell, 2012, p. 126-128). Assim, nas *Tristezas* de Ovídio (4.10.119), o rio Danúbio é usado metonimicamente para expressar a região Pônica ou mesmo a cidade de Tômis onde se encontra o eu-poético exilado. “Conquistou o Reno”, para dizer que se conquistou as terras e os povos germânicos. “Foi beber das águas do Rio Tietê”, para dizer que foi a São Paulo. Bastante

comum na tradição clássica é o adjetivo “estígio”, para se referir ao mundo dos mortos, onde corre o rio Estige, e, por extensão, à morte. Em Lucano, *Farsália* (9.838), encontramos o sintagma *Stygiae sorores*, “irmãs estíguas”, como referência às Parcas, senhoras do destino.

Para além do efeito mais básico da conotação, que é a de aumentar a poeticidade e lirismo do que se pretende exprimir, o uso metonímico dos rios também faz chamar atenção para a importância geográfica e cultural do curso de água; o rio é tão icônico que é lícito apontar para um lugar ou um povo simplesmente por meio do nome desse rio. Ao mesmo tempo, a menção metonímica do rio carrega em si um aspecto etnográfico, no sentido de situar uma identidade pessoal com relação à sociedade que lhe contém (Jones, 2005, p. 3). Cabe ainda ressaltar que o uso dos rios por metonímia tende a ser mais conveniente aos gêneros de poesia, sendo mais raro na narrativa, mas ainda assim não de todo excluído desta.

## Metáfora

Como qualquer outro elemento da paisagem lírica, os rios evidentemente se prestam a toda sorte de usos metafóricos; em uma simplificação generalista e grosseira, poder-se-ia resumir a descrição do rio como o reflexo do sentimento do eu-lírico.<sup>1</sup> Fernandes, partindo da teoria de Jung sobre os arquétipos, propõe que a água (de maneira geral) e o rio (de maneira mais particular) são os símbolos mais comuns para representar o inconsciente (2017, p. 5). Já Mittlefehldt entende os rios como a metáfora perfeita que encarna a descrição do mundo exterior e o processo de lapidar essa descrição em palavras (2003, p. 137). No entanto, em parte pelas próprias características empíricas dos rios, e em parte pela cristalização a que a tradição literária se apegava, é comum encontrar o uso metafórico em um plano de três eixos, ainda que contíguo e interdependente: o da transformação e continuidade, o do fluxo, e o de margem e fronteira.

Jones (2005, p. 4-7, tradução minha) argumenta que as qualidades intrínsecas da água e dos rios servem de suporte para o estabelecimento de uma conexão metafórica com a ideia da constante e insuperável oposição entre transformação e continuidade:

A água possui certas propriedades observáveis que sugerem a noção de mutabilidade. A água adota a forma de qualquer coisa que a contenha, e as suas três fases (sólida, líquida e gasosa) existem em temperatura facilmente acessíveis. Esses fenômenos podem ter sugerido que a água contém em si própria formas diversas. Além disso, a água é um pré-requisito e uma necessidade para a vida humana. É, portanto, uma conclusão lógica que a água precede a vida na terra e que ela contribuiu para o desenvolvimento das formas de vida visíveis. [...] A água como metáfora para transformação também coexiste no mito e no pensamento científico. Heráclito, em especial, usa a mutabilidade da água como um modelo para o universo.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> De acordo com a definição hegeliana de lírica: “expressão da subjetividade como tal, das disposições da alma e dos sentimentos, e não a de um objeto exterior” (Hegel, 1964, p. 296).

<sup>2</sup> Water has observable properties that suggest this notion of mutability. Water adopts the shape of any container into which it is poured and all three of its phases (solid, liquid, and gas) exist at easily achievable temperatures. These phenomena may have suggested that water contains within itself other forms. Additionally, water is a prerequisite for and a necessity of human life. It is a logical conclusion, then, that water preceded life on earth and that it contributed to the development of observable life forms. [...] Water as a metaphor for transformation

A proverbial afirmação de Heráclito de que “é impossível atravessar o mesmo rio duas vezes” demonstra como desde a Grécia antiga entende-se não apenas a água, mas também o rio como uma substância em constante metamorfose, visto que a água que escorre pelo leito é sempre renovada e, portanto, diferente da água que escorreu no instante anterior. Soma-se a isso a comum mudança que as margens e trajetos dos rios estão sujeitos, a princípio pelos impactos de seca ou de alagamentos,<sup>3</sup> e também pela ação humana, que molda as fronteiras dos rios de acordo com os seus desígnios urbanísticos, arquitetônicos e comerciais.<sup>4</sup> Por outro lado, um rio é também sempre o mesmo rio – mudando de curso e de água, o rio Amazonas continua sendo o rio Amazonas – e isso oferece ao rio a possibilidade de seu uso metafórico no texto poético como elemento de continuidade, perenidade e estabilidade. Assim, sendo transformação e sendo continuidade, o rio é sobretudo uma metáfora para a oposição insuperável desses opostos; expressa um sentimento, uma personalidade, uma característica, que sejam sempre os mesmos, mas que sejam sempre diferentes, ao mesmo tempo.

Outra propriedade física dos rios, o fluxo, ou a vazão, a corredeira, se presta ao uso metafórico para expressar algo que flui, seja um sentimento, sejam fatos ou ciclos da vida, seja o próprio o texto. “A vida é um rio”, jargão que se tornou nome de canção, ou o provérbio “o rio corre porque seu fim é acabar” sintetizam a relação metafórica entre fluxo do rio e fluxo da vida. Na poesia da tradição clássica, a ideia de fluxo de texto é um importante elemento metapoético; na *Ode* 4.2, Horácio utiliza a imagem de um rio descendo em profusão para descrever a verborragia do poeta Píndaro e, consequentemente, dos poetas que lhe imitam o estilo (*monte decurrens velut amnis, imbres / quem super notas aluere ripas, / fervet inmensusque ruit profundo / Pindarus ore*). Essa aproximação do fluir do rio com o fluir do texto se encontra também nos poemas narrativos (como em Ausônio), até desembocar nas narrativas, na função de marcador narratológico (vide seção adiante).

Por fim, é também frequente encontrar o uso metafórico dos rios para o sema de margem, fronteira ou limite. Esse sema é bastante explorado como recurso narratológico, em especial nas sagas, nas épicas e nos romances de aventura ou viagem, quando um personagem ou um grupo se veem impedidos de prosseguir seu caminho ao se depararem com um rio, e parte da missão consiste em justamente realizar a travessia. Na poesia, atravessar um rio pode simbolizar a travessia de um sentimento a outro, ou de um momento da vida a outro; do mesmo modo, a nomeação de rios longínquos ou limítrofes, além das implicações metonímicas e hiperbólicas, também podem ser uma metáfora para uma situação extrema do eu-lírico, como a morte, o nascimento, um novo ciclo etc. Cabe ressaltar que os rios sempre exerceram a função geopolítica de limite e fronteira de territórios (Jones, 2005, p. 9), e mesmo depois do advento das pontes, essa função continuou importante; basta lembrar do movimento crucial na Segunda Guerra Mundial, conduzido pelas tropas aliadas, pela tomada do Reno do domínio nazista (Coates, 2018, p. 35-52). Até hoje, muitas das fronteiras entre países, estados, municípios e até mesmo bairros são delineadas a partir dos cursos dos rios. Portanto, a ideia do rio como fronteira que separa uma terra de outra, ou uma cultura de outra, é praticamente consensual. Ovídio se utiliza desse aspecto para elaborar o efeito

---

also coexists in myth and scientific thinking. Heraclitus, in particular, uses the mutability of water as a model for the universe.

<sup>3</sup> Como visto na recente inundação do rio Guaíba, que fez o rio mudar de curso, criando novas margens e ilhas.

<sup>4</sup> Gouveia, 2016; Gouvêa, 2017.

do “anti-rio” Danúbio nas *Tristezas* (3.10.51-4): por estar congelado, o rio deixa de ser rio e se torna uma ponte, permitindo a livre circulação dos povos vizinhos, e assim apagando a fronteira entre Roma e a barbárie.

## Hipérbole

Outro uso comum dos rios em linguagem conotativa, e até certo ponto derivado das noções metafóricas exploradas acima, é o emprego hiperbólico. O rio como elemento natural oferece de imediato diversos aspectos de grandeza, seja pelo volume de água, pela força de sua vazão, pelo comprimento de nascente até a foz, pela largura de uma margem a outra, pela profundidade, pela distância geográfica em relação ao ponto de vista do enunciador, ou ainda pela sua riqueza material, na quantidade de peixes ou minerais. Portanto, comparar algo a um rio oferece a possibilidade de se obter um efeito hiperbólico do engrandecimento ou da incomensurabilidade desse algo. “Meu amor é mais profundo que o Amazonas”, ou “Correu uma distância tão longa como o Nilo” são exemplos do emprego da hipérbole por comparação, enquanto “Chorei um rio inteiro por ti” ou “Seu comprimento era um Nilo” são exemplos da hipérbole por metáfora.<sup>5</sup>

Na tradição poética latina, alguns rios se tornam tópicos hiperbólicos; o Tejo, o Ganges, o Tigre, o Eufrates ou o Tánaís são usados para demarcar os confins do mundo, os extremos das terras mais distantes possíveis. O poema 29 de Catulo invectiva a cobiça de Mamurra, que tudo devora desde o Mar Negro até o Tejo. A ideia é de que Mamurra devora o mundo inteiro, e o Tejo funciona como metonímia e hipérbole para o limite ocidental do mundo.

## Catálogo

Bastante comum na tradição literária é o catálogo, que pode ser entendido não apenas como figura, mas também como estrutura para o gênero épico (Reitz *et al.*, 2019), muito embora se faça presente também na lírica. Adotando a definição de Sammons (2010), em que catálogo é uma lista de entradas ligadas por anáforas ou conectivos, resulta produtivo analisar nos catálogos de rios a posição ou ordem de cada entrada, a qualificação que acompanha o rio (um adjetivo ou uma locução adjetiva), e a elaboração, quando o rio enumerado vem acompanhado de uma ou mais orações.

Os catálogos de rios tendem a ter as mesmas funções dos demais catálogos (de tropas, de povos etc.), a saber: a identificação coletiva, em que o ouvinte/leitor se vê representado por um daqueles rios, seja por identificação geográfica, seja por identificação cultural; a função narratológica (ver seção adiante) de delimitar e abarcar o escopo narrativo do enredo (Reitz *et al.*, 2019, p. 673); a expansão do escopo temporal do enredo, quando a elaboração de um rio ocorre em analepse ou prolepse; a suspensão da ação narrativa e variação na velocidade do movimento (Williams, 1961, p. 146), que, por sua vez, também incorpora um importante efeito ecfrástico (Boyd, 1992); e, por fim, uma função política, no sentido de inse-

<sup>5</sup> Para uma discussão dos tipos de hipérbole na tradição, sistematizados por Quintiliano, v. Schmidt, 2021.

rir na lista todos os rios dominados, militar ou culturalmente, por um determinado poder (Östenberg, 1999; Campbell, 2012; Purcell, 2012).

Um sucinto levantamento de catálogos de rios em obras clássicas oferece a dimensão de sua relevância na tradição hexamétrica: Homero, *Ilíada* 12.17-24; Virgílio, *Geórgicas* 4.363-73; Virgílio, *Eneida* 8.726-28; Ovídio, *Metamorfoses* 2. 241-59; Lucano, *Farsália* 2.400ss, 3.190-297 e 6.360-80; Estácio, *Tebaida* 4.699-723 e 4.844-46; e Claudiano, *O rapto de Prosérpina* 3.316-29. No dístico elegíaco, destaca-se o imenso catálogo no poema “À Condessa Adele”, de Baudri de Bourgueil (séc. 12), onde, entre dezenas de rios, o foco vai para o Loire, às margens do qual o poeta reside.

## Figuras sonoras

Um emprego particular dos rios na literatura envolve a tentativa de representação verbal e imagética dos sons e ruídos produzidos pela vazão de água. Muito embora os leitos de planície tendam a ser mais silenciosos, as ribeiras e córregos, em constante confronto com pedras, galhos e folhas, emitem um ruído que apela aos sentimentos idílicos, enquanto as corredeiras e cachoeiras chegam a produzir estrondos impactantes. Os sons dos rios são também uma tópica na poesia, podendo aparecer como simples qualificação, como em Lucano, *Farsália* 9.866: *stridentibus undis*, “águas ruidosas”, para se referir ao rio; ou em comparação, como na *Ilíada* de Homero, em que o rio Escamandro, ao expelir para fora de seu leito os cadáveres de heróis caídos, produz um som, que naturalmente é o borbulhar de sua corrente, comparado ao mugido de touro (21.237: τοὺς ἔκβαλλε θύραζε μεμικῶς ἢ ὕτε ταῦρος); ou ainda como metáfora ou mesmo hipérbole, como em Horácio, *Ode* 3.30: *dicar, qua violens obstrepit Aufidus*, “falarão sobre mim até onde o violento Áufido ruge”, em que o eu-lírico se jacta de que sua fama fará mais barulho do que a corredeira de sua terra natal.

No entanto, o que mais se presta à análise sobre o ruído do rio é como esse ruído é mimetizado pela sonoridade do verso ou do sintagma. Plínio o Jovem se utiliza desse recurso em seu *Panegírico*, fazendo com que a própria frase que veicula a ideia do rio ruidoso seja igualmente “ruidosa” através de aliteraões: *spernere barbaros fremitus* (Schmidt, 2023, p. 37).

## Cenário

Em sentido denotativo, os rios se prestam aos textos literários como elementos de cenário, onde há uma descrição da paisagem em que ocorre a ação (no caso dos gêneros narrativos) ou em que recai, em função de objeto, a visão do eu-lírico (no caso dos gêneros poéticos). De todo modo, o cenário em poesia tem uma grande tendência a se constituir como metáfora ou alegoria para a expressão de um sentimento, o que remete ao uso do rio para os usos conotativos mencionados acima.

Para o texto narrativo, em que os rios se fazem abundantes, pode-se propor uma tipologia tripartite: i) cenário motivado, em que o rio compõe ativamente o cenário e a ação, interagindo e modificando o rumo do enredo (exemplos: o personagem cai no rio e se afoga; o personagem entra de barco no rio; algum objeto procurado é visto boiando no rio); ii) cenário desmotivado, em que o rio é meramente um elemento decorativo do cenário, sem interferir na ação nem como sujeito nem como objeto; iii) cenário contraste, em que a descrição do

rio induz a algum tipo de ação, mas essa indução é contrária ao que acontece, em peripécia (exemplos: o rio é descrito como violento e caudaloso, mas o personagem nada ali tranquilamente; o rio é descrito como calmo e límpido, mas o personagem se afoga nele).

Os rios também compõem os ingredientes dos cenários estereótipos, como o *locus amoenus* e *locus terribilis*. No caso do *locus amoenus*, é obrigatória a presença de algum tipo de corpo de água, seja corrente (fonte, córrego ou riacho) ou parada (lago ou piscina); a água será sempre cristalina, límpida e translúcida, e de temperatura fresca, agradável a um banho, como a fonte de Gargáfia, onde Diana se banha nas *Metamorfoses* de Ovídio. Na *Eneida* de Virgílio (8.31ss.), o rio Tibre, embora hidrologicamente nem cristalino nem pacato, aparece personificado e descrito dentro da chave do *locus amoenus* (*fluuius Tiberinus amoenus*), compondo uma evidente proposição ideológica de que Roma será um local seguro para se viver (Racine, 2024, p. 86).

Por outro lado, ao compor as cenas de *locus terribilis*, os rios são descritos como perigosos caudais de água, barulhentos e violentos, com a água turva ou poluída, apresentando mau cheiro e imundícies como lama, lodo e coisas putrefatas. Esse cenário tende a aparecer na épica, nas sagas de cavalaria e depois nos romances, em geral como um desafio a que o herói deve transpor. O rio Aqueloo, que nas *Metamorfoses* de Ovídio se presta a tantas leituras, também se insere nessa chave do *locus terribilis*, por ser um rio truculento que tende a afogar aquele que tenta lhe atravessar a nado.

## Personagem

Embora impossível no âmbito da literatura realista, o emprego de rios como personagens é verossímil em relatos míticos e na literatura fantástica. O modelo inaugural disso é o Escamandro na *Ilíada* 21: enfurecido por ter seu curso obstruído pela grande quantidade de cadáveres de guerreiros derrotados por Aquiles, o rio se infla e se atira ao combate contra o herói aqueu. Obviamente, é plausível ler as ações e falas do rio como uma maneira metafórica de representar uma enchente causada pelo entupimento do fluxo inicial, mas isso não invalida a legitimidade de se entender o rio como personagem de fato. Sob o ponto de vista da narratologia, personagem é aquele que fala e/ou faz algo na narrativa, e isso já é suficiente para enquadrar o Escamandro e todas as cenas de rios atuando na tradição épica. Subjacente a isso, há também um importante aspecto trazido à tona pela ecocrítica: ao eivar os rios ao nível de personagens, as narrativas confirmam o aspecto “divino” ou de “entidade” que os rios recebem nas culturas antigas, aspecto esse de suma importância orgânica e ecológica, que engendra na população local um profundo respeito pelo rio e pelo seu curso. Para os antigos, o rio não é apenas uma corrente de água; ele é um ser, alguém com nome, com pais e avós, cônjuge e filhos, com sentimentos e objetivos, e que exige que sua identidade seja respeitada e preservada. Os rios como entidades-sujeito costumam ser representados na cultura romana, seja imagética ou verbalmente, inicialmente de aspecto zoomórfico, em especial com uma cabeça de touro, e, posteriormente, de aspecto antropomórfico, com chifres na cabeça (Campbell, 2012, p. 150-159).

Nessa chave, é cabível atentar para as *Metamorfoses* de Ovídio como um grande compilado de rios como personagens; para citar apenas um exemplo entre tantos outros, vemos o rio Ínaco (Livro 2) atuar como personagem na acepção mais completa possível, realizando ações, sentindo emoções e proferindo discursos.



## Função narratológica

Sendo os rios, para as culturas primordiais, importantes elementos de marcação de fronteiras, territórios e estações, não é difícil prever que eles podem integrar às narrativas para demarcar, muito além do cenário, uma “fronteira narratológica”, no sentido de balizar começos, fins ou transições de episódios, cenas, capítulos etc. Diversas narrativas começam ou terminam fazendo menção a um rio, e, por vezes, começam e terminam com o mesmo rio – como em *Um dia cheguei a Sagres*, de Nélida Piñon, com o rio Tejo – para veicular a imagem de que a narrativa ou o romance completou o seu curso, fluuiu como o rio. No âmbito do cinema, caberia um estudo mais aprofundado para verificar a porcentagem e a função da aparição de um rio na cena inicial, visto se tratar de algo recorrente e não limitado a um único gênero; a princípio, poder-se-ia pensar que a cena inicial com rio tem a mera função de estabelecimento de cenário – o rio Hudson aparece para informar que a história se passa em Nova Iorque –, mas talvez seja possível aventar para uma reutilização da tópica literária no cinema: o rio aparece para marcar o início da narrativa.

A tópica de usar o rio para marcar o início da ação e da narrativa não é moderna. Entre os clássicos, encontramos esse recurso na *Farsália* de Lucano, que se inicia, aos moldes da tradição épica, com um exórdio prolongado, desprovido de ação, a qual só irá começar propriamente no verso 183 do primeiro livro, com a travessia do rio Rubicão: *iam gelidas Caesar cursu superauerat Alpes / ingentisque animo motus bellumque futurum / ceperat. ut uentum est parui Rubiconis ad undas, ingens uisa duci patriae trepidantes imago*. “Já César transpusera em marcha os Alpes gélidos, no peito imensas aflições e a guerra próxima trazia. Eis que do esguio Rubicão vindo à margem, surgiu ao general da pátria a imagem trêmula” (*Farsália*, verso 183, tradução de Brunno V. G. Vieira). O Rubicão exerce aqui, ao mesmo tempo, o papel narrativo de cenário e o papel narratológico, pois a sua travessia significa a declaração de guerra civil por parte de César, e também a marcação do início da história que irá contar sobre a guerra civil (Tola, 2023).

Na *Pós-homérica* de Quinto de Esmirna (c. séc. 4 DC), há um engenhoso desdobramento dessa tópica. O primeiro rio a aparecer textualmente, ainda no exórdio, é o Escamandro (1.10), rio indissociável da *Ilíada* de Homero; a proposta do exórdio é justamente apontar para a obra modelo, indicando até onde a *Ilíada* vai e a partir de onde a *Pós-homérica* irá começar (Semêdo, 2022). Quando o exórdio acaba e a ação começa, a primeira palavra do primeiro verso menciona o rio Termodonte (1.18), que será de importantes implicações geográficas do poema. Assim, cada rio aponta para uma narrativa: o Escamandro, como uma seta para trás, alude a toda ação e toda narrativa que já foi contada por Homero, enquanto o Termodonte, como uma seta para frente, alude à ação e à narrativa que será contada daqui em diante por Quinto de Esmirna.

Esse efeito de balizar o ritmo da ação de acordo com a travessia dos rios se mostra presente em narrativas de outras tradições que não a greco-latina, de forma que é possível conjecturar que a tópica seja mais estrutural do que intertextual. Na *Canção dos nibelungos*, obra primordial da tradição germânica, a travessia do Danúbio, na altura de Passau, é um momento marcante que separa o antes da guerra, do lado de cá do rio, e o depois do início da guerra, do lado de lá. O mesmo se dá em diversas outras obras de diferentes tradições na Idade Média e no início da era moderna, sempre marcando uma espécie de ruptura de ação e de transformação epistemológica dos personagens (Classen, 2018).

Já se discutiu acima acerca dos catálogos de rios nos gêneros narrativos. Aqui, é possível adicionar uma nova dimensão para o catálogo, dentro do eixo da função narratológica: o da suspensão e prolongamento narrativo (Reitz *et al.*, 2019, p. 673). Em geral, o catálogo interrompe o curso da ação narrada, paralisando assim a linearidade temporal dos acontecimentos, de forma que o leitor/ouvinte fica sem saber o desenrolar da ação enquanto o catálogo perdura. Ao mesmo tempo, o catálogo de rios permite uma espécie de expansão espacial, no sentido de reunir diversas regiões em uma unidade narrativa, extrapolando os limites espaciais do cenário previamente estabelecido no decurso inicial da ação. Quando o catálogo termina e a ação volta a operar na narrativa, as linhas de tempo e espaço foram profundamente alteradas, afetando o efeito geral do episódio narrado.

Também com efeito narratológico é o rio personagem-narrador, do qual o exemplo mais célebre é o Aqueloo<sup>6</sup> nas *Metamorfoses* de Ovídio (Racine, 2024). Aqui, o rio não é apenas mero personagem dotado de ação e de discurso, mas assume o papel de narrador para inserir um ou mais níveis de metadiegeese. Em outras palavras: o rio, enquanto personagem da diegeese primária, assume a voz narrativa para contar outra história. No caso do Aqueloo, trata-se de uma narração homodiegética, em que o rio conta como foi o seu duelo com o herói Hércules. O mais relevante desse tipo de efeito é que o estilo textual do discurso recebe uma forte tonalidade específica, no sentido de um discurso analisador de expressão (Volóchinov, 2017, p. 263ss.), como se a narrativa contada pelo rio tivesse um “sotaque” próprio, um jeito de contar que só o rio tem, em oposição aos demais narradores da obra. Embora esse tema tenha sido pincelado por Kenney (2002), ainda carece de um estudo mais aprofundado que possa servir de paradigma para o estudo dos rios como narradores-personagens e seus possíveis efeitos narratológicos e estilísticos.

Por fim, deve-se considerar o papel do rio como figura metapoética, como metáfora para o próprio narrador (Racine, 2024, p. 89). Esse recurso em grande parte se confunde com o que foi arrolado anteriormente na seção “Metáfora”, em especial quando se trata dos gêneros líricos. Mas, é importante destacar que nos gêneros narrativos a metáfora metapoética tende a implicar efeitos narratológicos, no sentido de iluminar ou debater a condição do narrador, seu estilo e sua relação com a matéria narrada. Portanto, ao se analisar a posição dos rios como marcadores narratológicos de começo, fim ou transição, talvez seja útil verificar se há alguma qualidade ou descrição que possa remeter à proposta do narrador; algo como “havia um rio caudaloso” para alertar sobre o estilo caudaloso e prolixo do narrador, ou “o Tejo corria tranquilo” para evidenciar que o estilo do narrador será simples e direto.

## Função política

Deixando um pouco de lado os elementos estruturais de análise e galgando um andar mais interpretativo, é possível investigar os rios na literatura como um índice político, no sentido mais amplo do termo. Assim como qualquer outro elemento da natureza, o rio pode ser apropriado no texto literário para veicular noções de poder, confronto, limites, regras, etnia, socio-

---

<sup>6</sup> Sobre a relevância do Aqueloo na cultura e religião gregas (cf. Jones 2005, p. 43). Vale mencionar que, na literatura grega, o rio aparece como sinônimo de água: Sófocles, *Fragmento 5*; Eurípedes, *Bacantes* 625; Aristófanes, *Rãs* 351.

logia, ideologia. Em algumas obras, o rio se presta a ser o cenário das intrigas políticas, ao mesmo tempo em que é também metáfora para elas, como no caso dos romances de Dickens (Chapman, 2013; Bejder Pereira, 2024).

O estudo de Campbell (2012) explora as relações entre rio, política e poder no Império Romano; em diversas passagens da literatura latina, a menção a um rio conquistado ou hostil pode veicular a tentativa de domínio e subordinação do rio (e consequentemente sua região, seu povo etc.) por meio do discurso (Schmidt, 2023, p. 38). Na poesia de Horácio, em que tudo é político, os rios têm uma forte implicação com as relações de poder estabelecidas por Augusto; não é casual que o primeiro rio a figurar na coleção inaugural de odes é o Tibre, rio de Roma (1.2) e os últimos são o Áufido e o Dauno, rios que perpassam a terra natal do poeta (3.30). No quarto livro, publicado extemporaneamente, um catálogo de rios aponta para tudo o que Augusto domina (4.14), para em seguida fechar a coleção com o louvor patriótico e a menção ao domínio romano sobre o Danúbio e o Tánaís (4.15). Domínio esse muito mais no âmbito do desejo e do discurso de Horácio do que um fato histórico e geopolítico.

Para trazer um exemplo do contexto brasileiro: a obra de Thiago de Mello, tanto a poética como a prosaica, oferece um manancial repleto de usos do rio como elemento de afirmação política dos povos e das culturas amazônicas. A falta de políticas públicas nacionais para a conservação e proteção dos rios brasileiros não deixa de ser um reflexo da falta de importância cultural a que se dá aos rios, em evidente desproporção à sua grandiosidade e a dependência econômica e biológica que deles se tem. No caso das grandes cidades, em que os rios são violentados, apagados ou transformados em esgotos, falar de rios já é, em si, um ato político. Embora muito tenha se produzido recentemente na chave das leituras políticas da literatura, o campo dos elementos naturais, e especificamente dos rios com funções políticas, ainda reside praticamente inexplorado.

## Tradição e intertexto

Um aspecto crucial para a análise dos rios na literatura é considerar a tradição a que determinada obra se filia. Muitas vezes, levados por viés biográfico e romântico, tendemos a ler uma descrição do rio como uma impressão factual do autor empírico, algo como “se o autor menciona o enorme Amazonas, é porque ele conhece o rio e percebeu o quão enorme ele é”. Isso, no entanto, pode ser enganoso, pois os rios, bem como demais elementos, são geralmente empregados com função intertextual, ou seja, se diz sobre um rio algo que já foi dito sobre esse rio anteriormente, e o redizer sobre o mesmo rio e da mesma forma se estabelece como um elo na corrente da tradição.

O rio Tejo na literatura latina pode ser um bom exemplo desse tipo de emprego. A primeira aparição textual do rio se dá em Catulo, que no poema 29 menciona o *amnis aurifer Tagus*, “o aurífero rio Tejo”. O poema é um iambo endereçado ao cobiçoso Mamurra, que havia gastado os bens herdados e então se punha a devorar o dinheiro público dos confins do Império Romano. A escolha do rio Tejo como marca do limite de Roma e consequentemente como hipérbole para expressar a totalidade do mundo atacado por Mamurra já é por si só bastante expressiva; a isso se adiciona o adjetivo empregado por Catulo, *aurifer*, que ao mesmo tempo aponta para a cobiça de Mamurra, que não poupa nem mesmo o rio, e para o senso comum à época de Catulo, em que o Tejo era uma fonte de mineração de ouro que abastecia os cofres do

estado romano (Currás & Sánchez-Palencia, 2021). Talvez Catulo não pudesse prever que esse sintagma [Tejo + ouro] acabaria por se cristalizar na tradição latina. Algumas décadas depois, Ovídio, ao elencar em catálogo os rios que secaram diante da viagem solar de Faetonte, diz que o ouro que jaz no leito do Tejo derreteu diante do calor, *quodque suo Tagus amne vehit, fluit ignibus aurum* (*Metamorfoses* 2.251). A passagem em si já é hiperbólica, mas o efeito da hipérbole é dobrado se o leitor percebe o intertexto com Catulo e a cobiça de Mamurra que, assim como o carro de Faetonte, queima todo ouro e toda água que encontra. Em seguida, Sêneca volta a se utilizar da imagem: *aut unda Tagus aurea claro deuehit alueo*, “ou o Tejo trouxe em suas águas auríferas com seu lodo brilhante” (*Tiestes* 355-6). Novamente trata-se de uma passagem hiperbólica e novamente a combinação [Tejo + ouro] se mostra presente; em Sêneca, o efeito intertextual já possui mais de uma camada: há quem remeta a Catulo, há quem remeta a Ovídio, e há quem remeta aos dois predecessores. Assim se constitui a corrente da tradição, em que cada nova utilização de uma tópica cristalizada pode trazer à tona, dependendo do grau de conhecimento de leitor, cada vez mais camadas de sentido. Lucano, o sobrinho de Sêneca, também se insere na tradição ao mencionar, igualmente em um catálogo de hipérbolos, “todo o ouro que se extrai do Tejo”, *quidquid Tagus extulit auri* (*Farsália* 7.755). O leitor de Lucano dificilmente perderá de vista a correlação com a passagem de Sêneca, mas também estão ali as passagens de Catulo e Ovídio. Aqui, a expressão “todo o ouro de Tejo” não apenas diz respeito ao metal extraído do rio lusitano, mas também a todas as ocorrências literárias em que essa imagem já ocorreu.

O estudo de caso acima é apenas um exemplo das múltiplas possibilidades de leituras intertextuais que podem ser feitas a partir das descrições dos rios. No caso da literatura brasileira, poderia ser bastante produtivo investigar as ocorrências de rios como o São Francisco, o Paraná e o Amazonas, em diferentes autores de diferentes épocas, buscando traçar até que ponto as descrições são originais ou intertextuais, ou mesmo como se opera a originalidade dentro da intertextualidade.

Além disso, visto que o rio tem uma evidente associação com a ideia de fluxo, a menção ao rio, seja específico ou genérico, também pode funcionar ela mesma como um marcador de intertexto, quase como uma nota alexandrina;<sup>7</sup> o estudo de Farmer (2013) mostra como a simples menção à palavra “rio” (*flumen*) funciona como um indicador de imitação e emulação poéticas.

## Considerações finais: ecologia, literatura, ecocrítica

Nas últimas décadas, vêm se proliferando os chamados estudos ecocríticos, que partem de diferentes perspectivas do que seja estudar a natureza e a ecologia na literatura, mas que têm em comum, ao menos, o aspecto de procurar e enaltecer nos textos os elementos naturais como plantas, animais, minerais, formações geológicas e aquáticas em detrimento do humano, ou na relação natureza-humano sem estabelecer uma hierarquia do humano sobre a natureza. De certa forma, o que propomos aqui é um espaço para uma ecocrítica que se inspire nos conceitos da ecologia, mas também não despreze os instrumentos das correntes de teoria e análise literária.

---

<sup>7</sup> Sobre o conceito de nota alexandrina, v. Hinds (1998).

Assim, para qualquer perspectiva de análise que se assuma ao estudar os rios, talvez seja produtivo considerar sempre dois pontos sobre essa relação humanidade-rio. O primeiro deles é que um rio, muito além de ser uma formação aquática, é também uma construção cultural, idealizada e transmitida pela arte e pela tradição. Nas sociedades primordiais, os rios são divindades, entidades sobrenaturais, que têm a função de prover e sustentar aqueles povos, mas que também podem ficar furiosos diante da impiedade humana e causar danos irreversíveis, no aspecto de enchentes ou secas. Nas culturas modernas, esse respeito pelo rio como um ente em grande parte se perdeu, mas ainda assim os rios são construtos culturais no sentido que sabemos mais sobre os rios através de suas representações artísticas (músicas, poemas, histórias, filmes, reportagens, fotos) do que de qualquer outro modo. É possível afirmar que a maioria dos brasileiros nunca viu ou tocou as águas do Amazonas, mas qualquer brasileiro tem em seu imaginário uma noção do que seja o Amazonas. O fato de que o rio na arte é sempre uma construção, uma representação e até mesmo uma *diegese* (no sentido de Genette, 1980, p. 72) não pode ser desprezado na análise nem tampouco na interpretação de um texto literário: antes de ser um rio, um rio na literatura, como qualquer outro espaço representado, é uma palavra, um discurso sobre o rio (Westphal, 2011, p. 9-36).

Por outro lado, não se pode perder de vista o conceito ecológico de que a humanidade é dependente, e por isso moldada, pelos rios que possibilitam o surgimento e o desenvolvimento das diversas civilizações. É comum encontrar em páginas escolares definições simplistas e generalizantes como “os rios são importantes para a história da humanidade”, as quais não apenas atestam uma obviedade, mas que inclusive falseiam o verdadeiro papel dos rios para a cultura – eles não são meramente importantes, eles são fundamentais, são uma condição *sine qua non*, no sentido de que não haveria cultura se não houvessem rios (Mauch & Zeller, 2008). O advento da escrita e boa parte dos desenvolvimentos arquitetônicos estão diretamente ligados ao papel dos rios; se considerarmos que os primeiros materiais a serem utilizados na escrita provieram dos rios, como o papiro do junco do Nilo, pode-se inclusive dizer que sem rios, não haveria literatura. Esta é, pois, um fruto construído pela existência ecossistêmica dos rios. De maneira geral, as narrativas mais primevas das antigas civilizações têm como matéria ou as estrelas ou os rios; isso talvez se dê pelo fato que ambos realizam um movimento cíclico e natural como a vida, que faz a humanidade querer se mover com eles, ao menos por meio do discurso, colocando palavras em ritmos e ciclos para transcorrer suas próprias histórias, assim como um rio correndo em seu leito está sempre a contar uma história.

A análise ecocrítica, que em seus primórdios ocupava-se essencialmente com os corpora de textos ecológicos (como, por exemplo, a obra *A vida secreta das árvores*, de Peter Wohlleben), transcendeu seus limites e passou a ocupar-se de qualquer texto literário. E não apenas no olhar centrado para elementos naturais desses textos, mas também para as implicações ecológicas e políticas que qualquer cena literária pode apresentar (cf. a discussão sobre o escopo ecocrítico em Buell, 2011). Como argumenta Morton (2023, p. 22), “o estudo da arte fornece uma plataforma [para o pensamento ecológico], porque o ambiente é, pelo menos em parte, uma questão de percepção. As formas da arte têm algo a dizer sobre o ambiente, porque nos fazem questionar a realidade”. Assim, se por um lado, qualquer análise que coloque o rio no centro da atenção já é, por si só, uma postura ecocrítica, ela mais ainda o será se considerar de que maneira a representação desse rio poderia engendrar um impacto na relação entre leitores e o rio. Ser ecológico, ainda segundo Morton, não se resume a assumir uma postura ambientalista imediata (como um mutirão de limpeza de um córrego); ser ecológico é sobre-

tudo lembrar que o rio afeta e é afetado por tudo o que há e tudo o que fazemos a sua volta; inclusive, e não minoritariamente, os discursos que compomos, lemos e replicamos sobre o rio.

Nesse sentido, propomos aqui uma perspectiva ecocrítica de análise literária, que considere ao mesmo tempo os rios em seu papel ecossistêmico, e a construção discursiva que a arte faz desses rios, influenciada pelos próprios rios e também pela tradição cultural. Com ajuda dos instrumentais estruturais, balizados nos eixos de figuras, cenário, personagem, funções narratológicas, é possível ter uma ideia formadora de como funcionam os rios na literatura, para então partir aos eixos interpretativos, considerando as funções políticas e ideológicas e as camadas de efeitos intertextuais, todas imiscuídas com a noção ecológica de rios como construção cultural e a cultura como construção fluvial.

## Referências

BEJDER PEREIRA, Ana Clara. O rio no romance “Um conto de duas cidades”, de Charles Dickens. 2024. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BOYD, Barbara Weiden. Virgil's Camilla and the Traditions of Catalogue and Ecphrasis (Aeneid 7.803-17). *American Journal of Philology*. v. 113, n. 2, p. 213-234, jan. 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/295558>. Acesso em: 15/01/2025.

BREWSTER, Harry. *The River Gods of Greece: Myths and Mountain Waters in the Hellenic World*. London/New York: I. B. Tauris, 1997.

BUELL, Lawrence. Ecocriticism: Some Emergind Trends. *Qui Parle*. v. 19, n. 2, p. 87-115. 2011.

CAMPBELL, Brian. *Rivers and the Power of Ancient Rome*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2012.

CHAPMAN, Stephen. *Imagining the Thames: Conceptions and Functions of the River in the Fiction of Charles Dickens*. Supervisor: 2013. 188 f. Tese de Doutorado – University of Plymouth, Plymouth, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24382/1518>. Acesso em: 15/01/2025.

CLARK, Timothy. *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CLASSEN, Albrecht. Waterways as Landmarks, Challenges, and Barriers for Medieval Protagonists. *Amsterdamer Beiträge zur älteren Germanistik*. v. 78, n. 4, p. 441-467, dez. 2018.

COATES, Ben. *The Rhine: Following Europe's Greatest River from Amsterdam to the Alps*. London: Nicholas Brealey, 2018.

CONTE, Gian Biagio. *The Rhetoric of Imitation: Genre and Poetic Memory in Virgil and Other Latin Poets*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

CURRÁS, Brais X.; SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier. Landscape archaeology of Roman gold mining in Lusitania: The 'Aurifer Tagus' project. *Antiquity*. v. 95, n. 382, ago. 2021.

FARMER, Matthew C. Rivers and Rivalry in Petronius, Horace, Callimachus and Aristophanes. *The American Journal of Philology*. v. 134, n. 3, p. 481-506, 2013.

FERNANDES, Marie. The River as Metaphor. *Andean Research Journal*. v. 6, p. 4-11, 2017.

- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. London: Routledge, 2004.
- GARRARD, Greg (ed.). *The Oxford Handbook of Ecocriticism*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- GENETTE, Gerard. *Narrative Discourse: An Essay in Method*. Ithaca: Cornell University Press, 1980.
- GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (ed.) *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996.
- GOUVÊA, José Paulo Neves. *A presença e a ausência dos rios de São Paulo: acumulação primitiva e valorização da água*. Orientadora: Angela Maria Rocha. 2016. 240 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GOUVEIA, Isabel Cristina Moroz-Caccia. A cidade de São Paulo e seus rios: uma história repleta de paradoxos. *Confin*s. n. 27, 2016.
- HEGEL, Georg Friedrich. *Estética*. Vol. 7: Poesia. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 1964.
- HINDS, Stephen. *Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- JONES, Prudence J. *Reading Rivers in Roman Literature and Culture*. Lanham: Lexington Books, 2005.
- KENNEY, E. Ovid's Language and Style. In: BOYD, Barbara Weiden (ed.). *Brill's Companion to Ovid*. Leiden: Brill, 2002. p. 27-90.
- MAUCH, Christof; ZELLER, Thomas. Rivers in History and Historiography: An Introduction. In: MAUCH, Christof; ZELLER, Thomas. (ed.). *Rivers in History: Perspectives on Waterways in Europe and North America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2008. p. 1-10.
- MITTFELDLT, Pamela J. Writing the Waves, Sounding the Depths: Water as Metaphor and Muse. *Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*. v. 10, n. 1, p. 137-142, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORTON, Timothy. *O pensamento ecológico*. Tradução de Renato Prelorntzou. São Paulo: Quina, 2023.
- ÖSTENBERG, Ida. Demonstrating the conquest of the world: the procession of peoples and rivers on the shield of Aeneas and the triple triumph of Octavian in 29 B.C. (Aen. 8,722-728). *Opuscula Romana*. v. 24, p. 155-162. 1999.
- PURCELL, Nicholas. Rivers and the geography of power. *Pallas*. n. 90, p. 373-387, 2012.
- RACINE, Florian. Serial rivers: Le fleuve et le narrateur dans le Métamorphoses d'Ovide. *Pallas*. v. 124, p. 81-94, 2024.
- REITZ, Christiane; LÄMMLE, Cédric Scheidegger; WESSELMAN, Katharina. Epic catalogues. In: REITZ, Christiane; FINKMANN, Simone (ed.). *Structures of Epic Poetry*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 653-723.
- SAMMONS, Benjamin. *The Art and Rhetoric of the Homeric Catalogue*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- SCHMIDT, Pedro. Exagerando a verdade: a hipérbole em Quintiliano. In: ALBERTIM, Alcione Lucena de; SOARES, Willy Paredes (org.). *Escritos clássicos greco-latinos*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 176-187.

SCHMIDT, Pedro. Rivers as rhetorical tropes in Pliny the Younger's Panegyric. *Estudios del Discurso*. v. 9, n. 1, p. 24-39, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.30973/esdi.2023.9.1.149>. Acesso em: 15/01/2025.

SECCI, Davide A. Through the eyes of Achelous. *Greece & Rome*. v. 56, n. 1, p. 34-54, 2009.

SEMÊDO, Rafael de Almeida. Being Epic after Homer: the Episodic Structure of Quintus of Smyrna's *Posthomerica*. *Nuntius Antiquus*. v. 18, n. 1, p. 1-24, 2022. Disponível em: [https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/38256](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/38256). Acesso em: 15/01/2025.

SILVA, Fidelainy Sousa. *A escrita submersa: o fazer literário das águas de rio*. Orientador: Gerson Roberto Neumann. 2020. 203 f. Tese de doutorado – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

TOLA, Eleonora. Hac iter est bellis (Luc. 1, 257): geopoetica del Rubicone nella Pharsalia. *Pan: Rivista de Filologia Latina*. n. 12, p. 85-99, 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WESTPHAL, Bertrand. *Geocriticism: Real and Fictional Spaces*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

WILLIAMS, R. D. The Function and Structure of Virgil's Catalogue in Aeneid 7. *The Classical Quarterly*. v. 11, n. 2, p. 146-153, nov. 1961.